

SEGUNDA GUERRA PÚNICA E AS CAMPANHAS DE ANÍBAL: A INTRIGA E A NARRATIVA HISTÓRICA NOS RELATOS DE POLÍBIO.

Bruce Marlon Costa¹
Armando Alexandre dos Santos²

Resumo

Em 219 a.C. Aníbal Barca de Cartago liderou um ataque contra Saguntum, uma cidade independente aliada de Roma, dando assim início à Segunda Guerra Púnica. Ele marchou com seus exércitos atravessando os Pirineus e avançou pelos Alpes até o centro da Itália, feito lembrado como uma das mais famosas campanhas militares da história. Durante as campanhas da Segunda Guerra Púnica – chamada por Políbio de “Guerras de Aníbal” – Aníbal Barca utilizou amplamente o território como elemento de construção da vitória em suas batalhas.

Boa parte das representações que temos sobre Aníbal e seu exército provém dos escritos de Políbio, um profundo admirador do imperialismo romano. O mestre grego Políbio de Megalópolis exalta a civilização encarnada por Roma perante os povos bárbaros. A derrota de Cartago durante as Guerras Púnicas, em sua visão, é o resultado de um longo choque entre a civilização e a barbárie.

Ao olharmos para as campanhas de Aníbal devemos ter em mente que as memórias produzidas por Políbio acompanham um projeto político que, mesmo de forma inconsciente, visa enaltecer a perspectiva romana de sociedade. Acontecimentos, personagens e locais são articulados visando criar uma coletividade romana.

Embora os relatos de Políbio tenham suas limitações, é possível refletirmos sobre a perspectiva militar cartaginesa por intermédio das ações de Aníbal durante as Guerras Púnicas. Nesse sentido procuramos compreender qual o papel desenvolvido por Aníbal Barca, durante a Segunda Guerra Púnica, segundo a perspectiva de Políbio, e para isso utilizaremos como fonte o livro escrito por Políbio de Megalópolis intitulado *Histórias*.

Palavras-chave: Segunda Guerra Púnica, Políbio, Aníbal

¹ Acadêmico do Curso de Especialização em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina

² Professor do Curso de Especialização em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina

SECOND PUNIC WAR AND THE HANNIBAL'S CAMPAIGN: THE INTRIGUE AND HISTORICAL NARRATIVE ON POLYBIUS REPORTS

Abstract

In 219 B.C., Hannibal Barca of Carthage led an attack on Saguntum, an independent city allied with Rome, which sparked the outbreak of the Second Punic War. He then marched with his army across the Pyrenees and Alps into central Italy in what would be remembered as one of the most famous campaigns in history. Over the campaigns of Second Punic War – called by Polybius “Hannibal’s War” – Hannibal Barca used widely the territory as a crucial element of victory in his battles.

Some representations about Hannibal and his army descend from Polybius writes, great admirer of roman imperialism. The greek máster Polybius of Megalopolis exalts the civilization incarnate by Rome in front of barbarian people. The defeat of Cartage during Punic War in their view, is result of long clash between civilization and barbarian.

If we look Hannibal’s campaign must bear in mind that memory produced by Polybius accompany a political project, that unconsciously, aim praise the roman perspective of Society. Events, characters and locals were articulated to create a roman collectivity.

Althought the reports of Polybius have his limitations, it’s possible reflect on this cartaginian military perspective through Hannibal’s actions on Punic War. In this way we seek to understand what is the role of Hannibal Barca in Second Punic War from the perspective of Polybius, to that end we will use as source a book written by Polybius of Megalopolis entitled *Histories*

Keywords: Second Punic War, Polybius, Hannibal

1. Introdução

Políbio, filho de Lycortas, era proveniente de uma família aristocrática arcadiana, conhecedora da filosofia, letras e artes. Nos livros I, II, III e VI de sua obra “*Histórias*” narrou os fatos que levaram romanos e cartagineses a se enfrentar por mais de 50 anos, numa guerra que fez Roma passar de potência regional a “senhora do mundo”.³

No ano de 168 a.C os romanos venceram os macedônios em Pidna e várias medidas foram aplicadas visando assegurar o controle da Grécia; uma delas obrigou a Liga Aqueia a enviar mil jovens das classes dominantes para viver na Itália, como reféns que iriam passar ali dezessete anos da sua vida. Políbio, que estava entre esses jovens, destacou-se como geógrafo e historiador das conquistas de Roma. Foi tutor de Publio Scipio Aemilianus e atuou como agente a serviço de alguns grupos senatoriais. Estava na Itália quando, em 146 a.C, os romanos esmagaram a tentativa de rebelião dos gregos; Políbio intercedeu e parece ter tratado de melhorar a sorte dos derrotados.⁴

Políbio nasceu em Megalópolis em 208 a.C, durante uma era de incipiente dominação romana sobre a Grécia. Seu pai, Lycortas, tornou-se embaixador em Roma em 189 a.C, fato que contribuiu para formação cultural de seu filho. Na visão de Lycortas, os gregos deviam aceitar a dominação romana.⁵

Em sua fase adulta, após Roma ter conquistado a Grécia, Políbio foi enviado a Roma como prisioneiro de guerra, tornou-se cliente de Aemilius Paulus, um cônsul durante a Terceira Guerra Macedônica, e logo tornou-se tutor dos dois filhos de Aemilius.

Políbio de Megalópolis teve a oportunidade de estudar a história romana e as suas instituições de maneira íntima, o que colaborou para a sua percepção acerca da cultura romana. As relações entre Políbio e Aemilius favoreceram que Publio Scipio Aemilianus, neto adotado de Scipio Africanus, desenvolvesse uma conexão militar com o historiador de Megalópolis. Políbio testemunhou a destruição de Cartago pessoalmente, durante a Terceira Guerra Púnica.

A opinião de Lycortas, a estreita relação com Scipio Aemilius Paulus e a participação de Políbio durante a destruição de Cartago influenciaram a posição deste a favor da dominação romana sobre a Grécia. Ao escrever *Histórias*, Políbio busca, assim, amenizar as consequências do jugo romano perante o público grego. As campanhas de Aníbal Barca são escritas por Políbio nesse contexto, Aníbal e seus treze anos envolvidos em lutas contra Roma são o exemplo que não deve ser seguido pelos gregos.

³ APAZA, Alex. Historiografía Romana: Polybio y las Guerras Púnicas. Retirado do site às 20:20 do dia 09/04/2015. http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/publicaciones/avances_sociales/2003_n01/a7.pdf.

⁴ FONTANA, i Lazaro Josep. História: análise do passado e projeto social. Bauru, SP: EDUSC, 1998. Página 24

⁵ BACA-WINTERS, Keenan. Memoria Hannibalis: Constructing Memories of Punic War violence from the second century BCE through the fifth century CE. San Diego State University, 2010. Página 12

Políbio escreve sua obra como um instrumento didático voltado ao público grego; ao falar de Aníbal e Cartago, a visão construída é a de exaltação da superioridade romana com relação às instituições gregas. Para Políbio a estrutura da constituição cartaginesa era parecida com a romana, mas durante a Segunda Guerra Púnica o sistema cartaginês tornou-se pior, pois havia a participação da população, que converteu-se na principal força política, enquanto em Roma o Senado assumia essa função. O historiador de Megalópolis exalta a superioridade do sistema romano, no qual os “melhores homens” fazem a política, ao passo que em Cartago as massas controlam os rumos do Estado.⁶

A participação popular nas estruturas de poder em Cartago é mal vista aos olhos de Políbio. Sua crítica de moral aristocrática se perpetua ao longo de suas obras. Ao comentar acerca dos comandantes que enfrentaram Aníbal, Varro, por exemplo, é profundamente criticado por sua origem humilde. Ao pensarmos em Aníbal e suas campanhas, precisamos ter em mente as contradições de Políbio, bem como compreender o seu papel perante o seu público alvo: a sociedade grega.

Procurando compreender o papel desenvolvido por Aníbal Barca durante as Guerras Púnicas, utilizaremos os relatos de Políbio de Magalópolis construídos em sua obra *Histórias*. Para tanto restringimos nosso escopo de atuação aos livros I, II, III e VI relativos ao processo de luta entre cartagineses e romanos durante a Primeira e a Segunda Guerra Púnica, dando ênfase à participação de Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica.

Para refletir acerca do papel da narrativa polibiana no processo de construção de uma temporalidade, utilizaremos como arcabouço teórico o livro de Paul Ricoeur “Tempo e Narrativa”, no qual o autor faz considerações pertinentes acerca do papel da interação entre a narrativa e o tempo como instrumento de construção histórica.

O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal.⁷

A intriga é o meio pelo qual reconfiguramos a experiência humana. Por intermédio dela articulamos objetivos, causas e acasos em uma unidade temporal. A narrativa, nesse sentido, atua como mediadora entre um ponto de partida e um ponto de chegada, produz um conhecimento de mundo ao mesmo tempo que configura uma dimensão temporal.

Michel de Certeau em seu livro “A Invenção do Cotidiano” expõe um conceito que será chave para nossa análise acerca dos escritos polibianos, a noção de tática e estratégia. A

⁶ MEGALÓPOLIS, Políbio de. *Histories*. New York: Oxford University Press, 2010. Página 409

estratégia é o cálculo das relações de força, que se torna possível a partir do momento em que o sujeito de poder e querer pode ser isolado. Já a tática é:

...a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é o movimento “dentro do campo de visão do inimigo”...⁸

Políbio reside no campo da tática ou da estratégia? Esse é um dos questionamentos que representa o campo de contradições esboçados pela obra de Políbio. A sua visão acerca de Aníbal Barca é mediada por esse processo. A narrativa polibiana tem como público primário a elite grega, mas seus escritos não são completamente independentes, há uma segunda plateia que é agraciada pela sua escrita. Ao exercer sua produção intelectual, o historiador de Megalópolis deveria se preocupar com o clivo do olhar da contraparte romana de seu público.

A obra de Políbio caminha entre uma fina teia entre tática e estratégia; ser cronista da política imperialista romana o autoriza a empregar a estratégia mediante o seu público grego, mas essa estratégia é mediada por um processo tático em que os interesses de Roma são apropriados para um projeto de consolidação de poder pessoal em meio ao contexto grego.

2. Políbio e a construção do *Histórias*

Histórias é um estudo elaborado por Políbio em 40 livros, nos quais descreve o desenvolvimento da sociedade romana e seu método de governo no período entre 220-146 a.C. Infelizmente muitos de seus textos se perderam ao longo do tempo. Os primeiros cinco livros aparecem de forma integral, o Livro VI é voltado ao estudo da constituição romana e é o mais popular entre os remanescentes, devido a sua importância para a ciência política. O Livro XII é um tratado voltado ao ofício do historiador e sua forma de conceber a História. Os outros livros existem apenas em fragmentos esparsos.

Segundo Paul Ricoeur, podemos compreender a narrativa polibiana como uma mediadora entre um ponto de partida e um ponto de chegada, um elo entre uma determinada concepção de mundo e outra. Nesse processo de mediação, Políbio produz um conhecimento

⁷ RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Página 93

⁸ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Página 94.

acerca do mundo e, ao mesmo tempo, participa de sua configuração, em particular de sua dimensão temporal. A escrita é uma ligação entre o mundo de Políbio e o de seu leitor, sua comunicação transmite assim uma determinada concepção de mundo que é baseada em signos comuns que podem ser compreendidos pelos seus leitores.⁹

A construção da intriga polibiana segue a lógica das produções ligadas ao seu contexto. O autor produz uma forma própria de escrever; o fato de Políbio ser membro da elite grega favorece seu acesso a uma série de conhecimentos que serão importantes para o desenvolvimento de seu texto. Em seu modo de fazer o texto, Políbio utiliza sua percepção política para formular uma teoria cíclica de intervenções governamentais, existindo em cada novo estágio uma versão moralmente aceita e outra versão que expõe a corrupção das instituições. Roma, nesse sentido, aparece como ponto culminante de um longo processo evolutivo que a autoriza a ser senhora de todo o Mediterrâneo.¹⁰

O autor arquiteta uma relação entre a elite grega, seu público alvo, e a história romana. Para tanto, Políbio inicia sua narrativa com a Centésima Quadragésima Olimpíada e a Segunda Guerra Púnica, estabelecendo um elo didático em que seu objetivo é demonstrar que a dominação romana é algo natural e não deve ser combatida. A ação dos cartagineses durante a Segunda Guerra Púnica é o exemplo que não deve ser seguido. Aníbal Barca é, no decurso da escrita polibiana, a personalização do grande obstáculo para os romanos. Segundo o historiador de Megalópolis, apesar da iminente derrota durante a Segunda Guerra Púnica, os romanos triunfaram e a destruição de Cartago ao longo da Terceira Guerra Púnica demonstra o que ocorre àqueles que ousam se opor ao poder romano.

O olhar polibiano evidencia uma leitura pragmática de mundo, pela qual o papel da História é o de contribuir e preparar seus leitores para a vida política. O conhecimento dos eventos passados, segundo sua visão, é uma lição que deve ser assimilada para que os desafios e catástrofes futuras sejam encarados com coragem.¹¹

O modo de construção textual de Políbio está vinculado ao seu exercício prático militar, em sua vivência como general, tanto a serviço da Liga Aqueia, como sob a tutela de Roma; sua percepção da História, enquanto campo do conhecimento, está vinculada à noção militar. Para ele, o conhecimento prático das operações militares possibilita que seu relato tenha mais confiabilidade em relação a outros historiadores, como justificativa para seu relato acerca da Segunda Guerra Púnica, Políbio alega ter feito todo o caminho percorrido por Aníbal Barca. A veracidade e a apuração dos fatos constituem um elemento importante na construção do discurso polibiano.

⁹ RICOEUR, Paul. Op Cit. Página XIV

¹⁰ CERTEAU, Michel de. Op Cit. Página 87

¹¹ MEGALÓPOLIS, Políbio de. Op Cit. Página 4

Para o historiador de Mégalopolis, a Primeira Guerra Púnica – sendo chamada pelo mesmo de Guerra Siciliana – possui uma ligação direta com a Segunda Guerra Púnica, Aníbal Barca, como descendente da dinastia dos bárcidas, carrega em si o legado deixado pelo seu pai Amílcar. O general cartaginês é a peça chave para a construção de sua narrativa, pois é a vitória sobre Aníbal e outras adversidades que autoriza Roma a ser senhora do mundo.

3. A intriga polibiana e os antecedentes da Segunda Guerra Púnica

O Livro I de *Histórias* estabelece como pano de fundo o desenrolar da Primeira Guerra Púnica, onde é notório um importante *background*¹² para a Segunda Guerra Púnica; como mencionamos anteriormente, Políbio percebe nelas um processo contínuo. Para ponderarmos acerca do tipo de exército que Aníbal conduzia é interessante retormarmos algumas peculiaridades do exército cartaginês.

Logo após o fim da Primeira Guerra Púnica, Cartago passou por muitas contradições internas, uma série de problemas veio à tona com a sua derrota militar. Havia uma grande preocupação entre os mercenários que compunham o seu exército de que não haveria o devido pagamento prometido em meio à guerra. Estourou a Guerra Mercenária, também conhecida como Guerra Libiana - fazendo alusão ao seu principal palco de operações -, uma guerra civil que situou os cartagineses a respeito de suas debilidades estruturais. Enquanto Roma possuía um exército composto em sua maioria por nativos e aliados, Cartago, por sua vez, dispunha de um exército misto, sendo a maioria de estrangeiros com diferentes culturas.

Os mercenários númeras (em maior número), líbios, celtas, iberianos, ligurianos, nativos das Ilhas Baleares e uma pequena quantidade de gregos entraram em litígio contra Cartago. Perder esta guerra interna significava de fato não apenas privar-se de uma parcela do seu território, mas colocar em risco sua própria existência. O estado contínuo de guerra, aliado às diferenças de temperamento entre as várias tribos, a falta de precauções no uso de tropas mercenárias com o uso de reféns, o erro ao manter as tropas mercenárias junto a seus equipamentos, o não desmembramento dos diferentes grupos que, apesar das diferenças, tinham reivindicações comuns, externaram, segundo Políbio, as fragilidades que encaminharam Cartago à instabilidade política.¹³

Amílcar Barca exerceu importante papel durante o processo de retomada da estabilidade interna cartaginesa, mas houve um grande deficit financeiro, afinal Cartago, além de

¹² Palavra de origem inglesa que possui vários significados, mas neste texto adotamos como “pano de fundo”.

¹³ Ibidem. Página 57

perder importantes possessões – durante a Primeira Guerra Púnica –, arruinar seu domínio marítimo do Mediterrâneo, foi forçada a pagar uma pesada indenização de guerra, e, somado a esses fatores, houve o subsequente motim dos mercenários que ocasionou a guerra civil.

Logo após a Primeira Guerra Púnica, Cartago ficou dividida em duas tendências políticas. A primeira, liderada por Amílcar Barca, pai de Aníbal, visava utilizar o caminho da guerra; a segunda, liderada por Hanno, buscou a conciliação com os romanos.¹⁴ Durante um longo período de tempo, a segunda tendência foi hegemônica no contexto cartaginês, mas fracassos de Hanno na contenção da guerra civil lhe custaram a vida, sendo ele crucificado. Segundo Políbio, o importante papel de Amílcar na extinção da guerra civil transformou essa conjuntura e trouxe autoridade à dinastia dos bárcidas.¹⁵

A crucificação é uma forma de punição entre os cartagineses; aqueles que cometiam grandes equívocos militares ou davam demonstrações de covardia eram eliminados de tal forma. A tendência política ligada a Hanno perdeu prestígio após a sua morte. Logo após o fim da Guerra Mercenária, a tomada de Sardenha pelos romanos deixou profundas marcas na população cartaginesa, outra pesada tributação teve de ser paga a fim de se evitar um novo conflito entre as duas potências.

A narrativa políbia aponta como uma das principais causas da guerra entre romanos e cartagineses o ódio de Amílcar Barca, pai de Aníbal. Assim que a estabilidade foi assegurada, Amílcar redirecionou seu foco de atuação, o objetivo era restabelecer o poderio econômico cartaginês, a Espanha foi alvo de sua intervenção, pois contava com grandes riquezas naturais – em especial as reservas de prata utilizadas para recompor a economia cartaginesa.

4. Aníbal e o ataque a Saguntum

Aníbal Barca nasceu em 247 a.C, em Cartago. Aos nove anos de idade acompanhou seu pai, Amílcar Barca, no processo de retomada da autoridade cartaginesa na Espanha e depois de sua morte Asdrúbal, fez dele chefe da cavalaria, aos vinte e um anos de idade. Aníbal foi treinado por Amílcar em uma educação baseada no sistema grego.¹⁶

Amílcar morreu em 229 a.C e foi sucedido por seu genro Asdrúbal, que fundou a cidade de Cartagena (também conhecida como Nova Cartago), enquanto os romanos estavam em litígio contra os gauleses. Apesar de Amílcar ter morrido dez anos antes do início da Segunda Guerra Púnica, Políbio atribui a ele as motivações que levaram novamente as duas po-

¹⁴ DODGE, Theodore Ayrault. *Great Captains*. New York, The Riverside Press Cambridge. 1889. Pág 38

¹⁵ MEGALÓPOLIS, Políbio de. *Op Cit*. Página 68.

tências a entrarem em conflito. Segundo sua visão, o revanchismo dos bárcidas teria, nesse sentido, alimentado o litígio. Essa caracterização é importante na intriga polibiana, pois fundamenta a tese da ação defensiva, em que a política de apaziguamento seria o centro da diplomacia romana, enquanto os cartagineses, por sua vez, foram os provocadores do conflito.¹⁷

O porto de Cartagena foi de grande importância para a presença africana na Península Ibérica, a Espanha constituía um ponto geográfico estratégico, nela existiam vastas minas de prata utilizadas para recompor a economia cartaginesa como podemos ver na Figura 1.¹⁸

Em 221 a.C Asdrúbal foi assassinado e o exército, por unanimidade, escolheu Aníbal, que aos 26 anos assumiu o comando do domínio cartaginês na Espanha. Aníbal rapidamente consolidou o controle na região utilizando o porto de Cartagena como base de operações, e casou-se com uma princesa espanhola, consolidando de fato o seu domínio. Segundo Políbio, durante sua infância Amílcar Barca teria feito Aníbal jurar vingança a Roma.

Fica evidente na construção da narrativa polibiana que, para o autor, a juventude de Aníbal teve grande influência em seus atos, considerados como irracionais e de uma fúria incontrolável, bem como a presença de Amílcar na sua educação. A falta de controle de suas emoções transformou as tentativas de apaziguamento romanas em estado de guerra.¹⁹

Contrariando a proibição romana, pela qual os cartagineses eram impedidos de atravessar o rio Ebro, em 219 a.C Aníbal liderou o ataque cartaginês a Saguntum – região pertencente à atual Valência – como podemos observar na figura 1. Saguntum foi uma cidade independente na costa oriental da Espanha, sob influência de Roma, que manteve postura agressiva contra as cidades cartaginesas. Ao final do cerco de 8 meses, Saguntum cai e temos o início da Segunda Guerra Púnica.

¹⁶ DODGE, Theodore Ayrault. Op Cit. Pág 39

¹⁷ MEGALÓPOLIS, Políbio de. Op Cit. Pagina 139

¹⁸ APAZA, Alex. Op Cit. Página 5

¹⁹ MEGALÓPOLIS, Políbio de. Página 143

Figura 1: “Segunda Guerra Púnica : Batalhas, Cercos e Emboscadas”



Fonte: site https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/7/7a/Punic_War_II_Battles.PNG ás 19:17 do dia 09/04/2016

Segundo Polábio, a “Guerra de Aníbal” não pode ser explicada apenas pela tomada de Saguntum e a travessia do Rio Ebro; ela foi iniciada por estes eventos, mas não podem ser assinalados enquanto suas causas, mas sim pretextos para a mesma. Para o historiador de Megalópolis, as motivações cartaginesas estariam ligadas ao ódio de Amílcar Barca contra os romanos, à tomada de Sardenha por estes, à imposição de novos tributos aos cartagineses e aos êxitos cartagineses na Espanha, que forneceram condições materiais para a resistência de Cartago.²⁰

5. A invasão da Itália

Aníbal poderia invadir a Itália pelo mar, de forma mais rápida e fácil do que marchando por terra. Entretanto, sem as bases na Sicília, até mesmo o sul da Itália estava nos limites do alcance operacional de seus navios. O poder naval cartaginês na Península Ibérica não era

²⁰ Ibidem. Página 138

grande. Após a Primeira Guerra Púnica, o poder naval de Cartago jamais foi totalmente restabelecido; Segundo Políbio, Roma possuía cerca de 220 navios, contra 105 de Cartago.

O risco de uma invasão marítima era muito elevado, a saída mais plausível para Aníbal era invadir a Itália via Gália, cruzando os Alpes. Sua estratégia era impor a Roma grandes derrotas militares, forçando os aliados romanos a apoiar os cartagineses.²¹

A tomada de Saguntum se deveu a critérios estratégicos; a intenção de Aníbal era levar a guerra ao território italiano, negando assim a possibilidade de conflito na região ibérica. A queda desta importante cidade representa o enfraquecimento das relações romanas na região, tornando as outras tribos ibéricas suscetíveis à dominação cartaginesa, além de possibilitar o avanço sem eventuais perigos em sua retaguarda. Com o sucesso da empreitada houve um incremento do fundo de guerra, a ampliação do moral de suas tropas, e uma parte dos espólios foi enviado a Cartago, visando assegurar o suporte do povo cartaginês.²²

Deixando seu irmão, também chamado de Asdrúbal, para proteger os interesses de Cartago na Espanha e no norte da África, Aníbal reuniu um poderoso exército. De acordo com os relatos de Políbio – provavelmente exagerados – 90.000 homens na infantaria, 12.000 na cavalaria e aproximadamente 40 elefantes.

O general cartaginês fez contato com os celtas - que recentemente haviam enfrentado os romanos; uma rede de informações foi estabelecida, assessorando a compreensão do território entre os Alpes e a Planície do Pó. A região era fértil e uma vez que os celtas se mostraram favoráveis à causa cartaginesa, o projeto de travessia dos Alpes poderia ser posto em prática.²³

Aníbal conquistou várias cidades na região norte da Ibéria, seu exército foi dividido sendo que agora contava com 50 mil homens e 9 mil cavalos, além de seus 40 elefantes. A luta ibérica foi importante para o preparo dos exércitos de Aníbal. Durante a Guerra Mercenária a pluralidade cultural do exército foi desvantajosa para os cartagineses, mas a experiência ibérica trouxe grande funcionalidade ao exército mercenário, que futuramente seria posta a prova.

A disciplina cartaginesa estabelecida pelo bárcida foi baseada nas ideias macedônicas, e sua formação era a falange. As tropas de Aníbal continham uma grande diversidade, iam desde os cavaleiros númidas que utilizavam apenas peles de tigre, aos gauleses que guerreavam nus, carregando uma espada londa curva, e os hyaspistas cartagineses. Cada uma des-

²¹ FIELD, Nics. Hannibal: Leadership, Strategy, Conflict. Ed. Osprey Publishing. Botley, Oxford. 2010. Página 14

²² MEGALÓPOLIS, Políbio de. Op Cit. Página 144.

²³ Ibidem. Página 156

sas tribos tinha sua própria maneira de lutar; coube a Aníbal trazer coesão aos diferentes grupos.²⁴

Publius Cornelius Scipio foi o encarregado romano de ir à Espanha guerrear contra os africanos, enquanto outro exército se deslocava para a Líbia sob o comando de Tiberius Sempronius Longus. Só mais tarde Scipio descobriu que Aníbal já havia passado o rio Ródano e se dirigia à Itália.²⁵ Aníbal, ao saber da presença do general romano, tomou nova direção, suas tropas marcharam cerca de 1600 quilômetros através dos Pirineus para os Alpes nevados, evitando um encontro direto com as tropas de Scipio, para finalmente chegar à região central da Itália como podemos verificar na figura 2.

Figura 2: Marcha de Aníbal da Ibéria para a Itália.



Fonte: FIELD, Nics. Hannibal: Leadership, Strategy, Conflict. Ed. Osprey Publishing. Botley, Oxford. 2010. Página 17

Segundo Políbio, há um erro comum entre os historiadores no que diz respeito à travessia dos Alpes; para estes Aníbal teria colocado todas as suas esperanças na empreitada sem ter prévio conhecimento do território; em muitos relatos o cenário é descrito como desolador,

²⁴ DODGE, Theodore Ayrault. Op Cit Pág 45

²⁵ MEGALÓPOLIS, Políbio de. Op Cit. Página 160

íngreme e irregular. Há uma grande dramatização dos feitos de Aníbal, no entanto este não foi o primeiro a realizar tal trajeto, os celtas em muitas ocasiões utilizaram a mesma rota; além disso, a região é densamente povoada, ao contrário do que dizem os relatos de outros historiadores. A hostilidade dos celtas pelos romanos era plenamente conhecida pelo general cartaginês; guias, batedores e informantes simpáticos à sua causa foram empregados como auxílio na transposição dos Alpes. Na narrativa polibiana podemos perceber que há uma grande oscilação em sua forma de perceber o general cartaginês: por um lado Aníbal é levado pelas emoções irracionais à guerra, mas por outro lado a escrita evidencia que o bárcida é capaz de traçar estratégias de base sólida, sem atuar de forma impetuosa.²⁶

Durante a travessia dos Alpes, no outono de 218 a.C, o general cartaginês encontra o povo gaulês. Conhecidos pelas suas artimanhas e por sua natureza dúbia, os gauleses guiam o exército cartaginês para uma estreita passagem que levava a uma garganta onde havia uma emboscada. Os cartagineses superam a armadilha gaulesa, mas o exército sai prejudicado – perecendo cerca de 1/3 do efetivo militar ao longo da jornada.

Quando Scipio e Aníbal estavam próximos de um combate, o general cartaginês desenvolveu um novo método de encorajamento. Aníbal reuniu suas tropas e trouxe à frente os prisioneiros feitos durante a travessia dos Alpes, deu a estes armaduras gaulesas completas e criou um tipo de disputa onde um combate entre dois oponentes era realizado, um sorteio foi estabelecido e aquele que vencesse permanecia vivo, perder significava a morte e a liberdade de seus tormentos. Os prisioneiros gritavam e rezavam aos deuses pela chance de serem escolhidos para o combate.²⁷

As exibições de combate visavam elevar o moral de seus homens; para tanto, prisioneiros de guerra eram utilizados, dois deles travavam um combate mortal entre si, aquele que sobrevivia era elogiado pelos homens e pelo próprio Aníbal, além de receber uma recompensa; o que morria também recebia honras. Aníbal discursava aos seus subordinados dizendo que sua situação era parecida, o combate contra Roma deveria ser encarado da mesma forma que a luta que presenciaram, sua intenção era banir da mente de seus subordinados qualquer traço de esperança ligado à sobrevivência em caso de derrota; a vitória e a sobrevivência caminhavam juntas, aqueles que não morressem poderiam desfrutar de grandes riquezas dos espólios de Roma. A manutenção do moral de seus homens é um elemento importante na construção das operações de Aníbal.

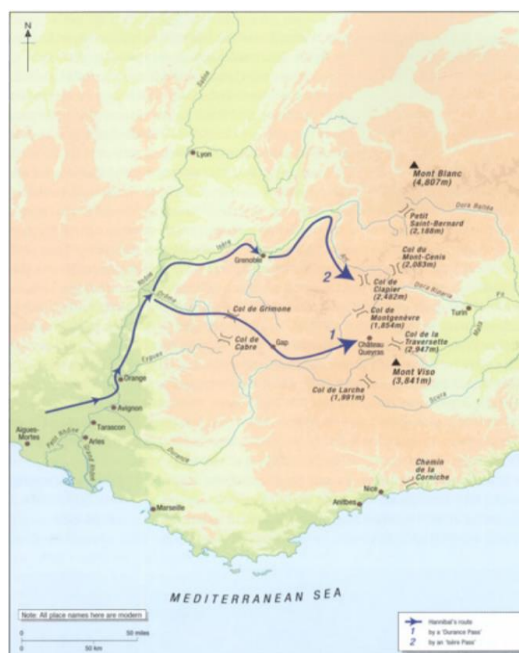
Logo após o preparo mental de seus homens, Aníbal enfrenta o exército romano comandado pelo general Publius Cornelius Scipio nas planícies a oeste do rio Ticiano. Scipio posiciona a infantaria e a cavalaria gaulesa à frente, com o resto de suas tropas formando uma

²⁶ Ibidem. Página 167

²⁷ Ibidem. Página 178

linha que avançava devagar. Aníbal, por sua vez, posicionou sua cavalaria leve e sua cavalaria pesada à frente, e avançou ao encontro do inimigo; a cavalaria númida foi posicionada em ambas as asas da formação, evitando que seus homens fossem flanqueados. Assim que o combate começou, as cavalarias foram ao ataque, o que prejudicou seriamente a infantaria romana, que acabou recuando e se protegendo atrás de sua própria cavalaria, temendo ser pisoteada em meio ao combate. Durante algum tempo o litígio foi balanceado em uma combinação entre combate montado e ação da infantaria, mas a cavalaria númida conseguiu flanquear a contraparte romana, a infantaria de Scipio ficou exposta e os númidas incidiram diretamente sobre ela. A cavalaria de Aníbal foi superior e Scipio, seriamente ferido no combate, foi substituído pelo general Tiberius Sempronius Longus. Na figura 3 podemos ver a travessia dos Alpes.

Figura 3: Marcha de Aníbal através dos Alpes.



Fonte: FIELD, Nics. Hannibal: Leadership, Strategy, Conflict. Ed. Osprey Publishing. Botley, Oxford. 2010. Página 11

Apesar das perdas, a travessia dos Alpes, em 218 a.C., foi positiva para Cartago. Os romanos julgavam-se erroneamente protegidos pelos Pirineus, Aníbal transformou a principal defesa de seus inimigos em seu ponto fraco. Com o resultado do embate no rio Ticiano, as tribos celtas locais forneceram provisões e estabeleceram bons termos com os cartagineses, servindo a sua causa. Os celtas conspiraram contra os romanos, esperaram uma oportunidade ao cair da noite e os atacaram enquanto estavam aquartelados dormindo após as refeições.

Aníbal incentivou amplamente aqueles que se posicionavam contra os romanos em favor de sua causa; grandes recompensas lhes foram oferecidas. Muitas cidades, como Clastidium, passaram a atuar ao lado dos cartagineses. O discurso do bárcida era de libertação para aqueles que eram inimigos dos romanos.

Segundo Políbio, havia uma diferença entre as formas de pensamento dos generais em questão. Sempronius foi levado pela ambição e impulsividade de seus atos, seu desejo de enfrentar Aníbal em combate e alcançar a glória pessoal o colocaram em sérios apuros. Enquanto Aníbal acreditava que as batalhas decisivas não deveriam ser travadas no calor do momento, sem planejamento prévio. Na percepção polibiana, a vitória, nesse sentido, foi alcançada não pela estratégia do general cartaginês, mas sim pela sede de cobiça de Sempronius que pôs tudo a perder.²⁸

Aníbal desejava entrar em batalha, mas suas motivações eram diferentes das de Sempronius: era necessário aproveitar a energia de seus novos aliados, os celtas; ele buscou enfrentar os recrutas romanos enquanto ainda eram inexperientes; o bárcida queria desfrutar da vantagem estabelecida enquanto Scipio ainda estava fora de combate.

Os cartagineses derrotaram novamente os romanos na encosta esquerda do rio Trébia, numa vitória alcançada com o auxílio de aliados que incluíam gauleses e ligurianos. Os dois exércitos rivais acamparam ambos nas margens opostas do rio. Aníbal percebeu que um trecho do rio em sua margem superior era raso e poderia ser atravessado com mais facilidade, além de haver um barranco e uma densa vegetação em que seria possível esconder seus homens. Em dezembro, em pleno inverno europeu, Aníbal instrui Mago – seu irmão – a lançar um ataque surpresa ao amanhecer com um grupo de aproximadamente 3.000 cavaleiros númidas; sua intenção era atrair Sempronius para o combate, enquanto os soldados romanos ainda não tivessem se alimentado e forçando-os a atravessar o rio em temperaturas baixas.

Sempronius atravessa o rio Trébia com todo seu exército e cai na armadilha; seus homens estavam famintos, sofrendo com o frio e a difícil tarefa de atravessar um rio que chegava à altura do peito; já os homens de Aníbal estavam bem alimentados e aquecidos, apenas aguardando o momento oportuno para iniciar o combate.

O general cartaginês aguardou até que a travessia completa do rio fosse realizada pelos romanos, então enviou seus lanceiros e fundistas das Ilhas Baleares à frente, para dar cobertura (aproximadamente 8.000 homens) enquanto o resto dos homens chegava ao campo de combate. A infantaria foi disposta em linha singular, sua cavalaria dividida entre as duas alas da formação, contando com a presença de elefantes distribuídos em cada um dos lados. A in-

²⁸ Ibidem. Página 184

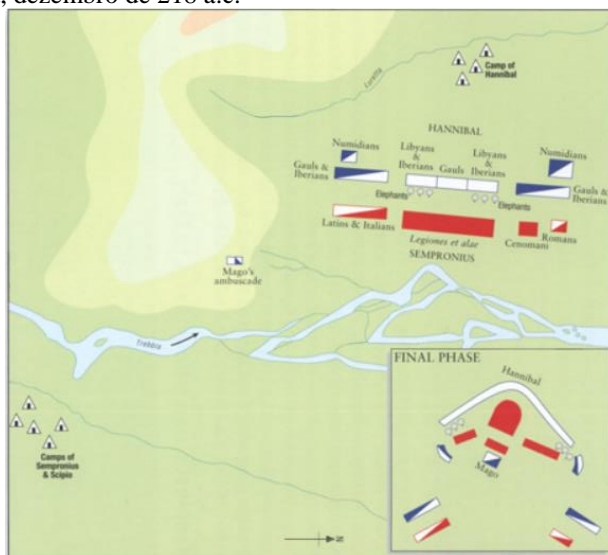
fantaria mercenária contava com ibéricos, celtas e líbios, em torno de 20.000 homens; incluindo seus aliados celtas, havia no exército de Aníbal mais de 10.000 cavaleiros.²⁹

A cavalaria romana teve dificuldades contra seus oponentes nômadas, que empregavam a tática de atacar em pequenos grupos e se retirar, para então novamente executar o ataque contra seus perseguidores; a confusão gerada por tal ação coordenada mostrou-se efetiva. Sempronius convocou seus cavaleiros e preparou sua infantaria em uma costureira formação. Havia 16.000 romanos e 20.000 aliados, cada ala da formação contava com 4.000 cavaleiros que avançaram lentamente em direção à formação inimiga.

A infantaria leve entrou em combate no centro do teatro de operações, enquanto a combinação entre a cavalaria e os elefantes cartagineses impunha grande pressão às alas da formação romana. O contingente nômada, que se encontrava oculto, incidiu diretamente sobre o centro da formação romana, a qual, tendo o rio às suas costas, dispunha de possibilidades de manobra muito limitadas.

Dentre os 40.000 romanos e aliados destacados, cerca de 30.000 perderam suas vidas pressionados pela combinação agressiva da cavalaria e dos elefantes à margem do rio Trébia. Podemos verificar o posicionamento das tropas na figura 4. A vitória foi dos cartagineses, mas a baixa temperatura combinada com a chuva e neve trouxe grandes perdas para estes. Apenas um elefante saiu vivo, muitos cavalos e homens morreram devido às condições adversas do clima.

Figura 4: Batalha de Trébia, dezembro de 218 a.c.



Fonte: FIELD, Nics. Hannibal: Leadership, Strategy, Conflict. Ed. Osprey Publishing. Botley, Oxford. 2010. Página 18.

²⁹ Ibidem. Página 187

Sempronius ocultou a sua derrota militar; os mensageiros enviados a Roma informaram que devido às condições climáticas a vitória completa não fora possível. Essa versão foi aceita pelos romanos, mas depois de algum tempo estes descobriram que os cartagineses não só tomaram o seu acampamento, como haviam concretizado sua aliança com os celtas, enquanto as tropas romanas abandonaram seu quartelamento, recolhendo-se às cidades aliadas circundantes. Esse fato é explorado por Políbio como prova da falta de virtude de Sempronius.

Gnaeus Servilius Geminus e Gaius Flaminius, os novos cônsules eleitos, recrutaram novas legiões, reuniram seus aliados e cuidaram das provisões necessárias para o próximo empreendimento militar romano. Dividindo suas tropas em partes iguais, Gaius Flaminius marchou para a Etrúria com seu exército acampado em frente a Arretium, enquanto Gnaeus Servilius levou as legiões a Arimium.

Aníbal passou o inverno no território celta. Os prisioneiros feitos durante a batalha de Trébia foram alinhados em dois grupos: o primeiro era dos romanos, que mal recebiam provisões suficientes para sua sobrevivência; o segundo grupo era dos aliados romanos, e para estes Aníbal era atencioso, seu discurso dizia que a guerra não era feita contra eles, mas contra Roma. O bárcida continuava dizendo que seu objetivo era a libertação dos povos da Itália e a reconquista das cidades e terras que os romanos haviam tomado. Ao fim de seu discurso, Aníbal concedia a liberdade aos aliados romanos, enviando-os a suas casas, com vistas a garantir o seu futuro apoio.³⁰

Segundo Políbio, podemos perceber que Aníbal foi cauteloso em suas ações, suas preocupações não apenas ligadas ao inimigo externo romano, o general buscou suporte dos aliados destes para manter a sua campanha militar, mas ao mesmo tempo era preciso manter a coesão de diferentes culturas dentro de seu próprio exército e conviver, inclusive, com ameaças internas.

Ao longo de sua estadia em território celta Aníbal tomou precauções contra os mesmos, uma vez que estes eram conhecidos pela duplicidade de suas ações. Um número de perucas foi preparado e distribuído de forma aleatória entre seus homens, roupas adequadas a diferentes idades foram organizadas e os homens as trocavam de tempos em tempos. Esses disfarces foram estabelecidos para que fosse difícil localizar o general cartaginês, reduzindo as chances de uma tentativa de assassinato. É em meio a essas preocupações que o general cartaginês seguiu a sua campanha militar.

O caminho de Aníbal para a Itália foi bloqueado pelos dois generais romanos, mas havia uma terceira rota, um atalho para a Etrúria, em uma região pantanosa. As principais tropas foram colocadas à frente, especialmente ibéricos e líbios, e a bagagem ficou entre eles, logo

³⁰ Ibidem. Página 190

atrás indo os celtas. Mago foi instruído a ficar no final da coluna com a cavalaria, numa precaução contra a natureza hesitante dos celtas.

Os ibéricos e liberianos passaram pelo trajeto sem muitos problemas, mas a adversidade do território foi um peso para os celtas, contudo com a vigilância da cavalaria sob o comando de Mago em suas costas, só podiam seguir em frente. Muitos animais morreram no processo, mas inclusive mortos tiveram sua utilidade, pois os mercenários dormiam em cima deles para manter-se acima do nível da água do pântano de forma mais confortável. Aníbal fez a travessia com o último elefante que restava, mas para o general cartaginês houve um grande dano, um de seus olhos foi afetado por uma infecção que o deixou cego.

Alcançando a região da Etrúria, Aníbal pode visualizar o acampamento de Gaius Flaminius e levantar informações acerca do mesmo. Segundo Políbio, o general romano era um demagogo sem talento para a guerra e ansioso pelo combate. Como podemos perceber, o discurso moral acerca dos generais romanos é apontado frequentemente por Políbio como a eventual causa de sua derrota; os romanos são vencidos não pelas diferentes habilidades dos generais em litígio, mas sim pela falta de compromisso ético dos comandantes romanos.³¹

Durante a primavera de 217 a.C., Aníbal avançou pelo rio Arno chegando ao lago Trasímene, na Etrúria. No caminho de Arretium a Perugia acampou antes que o novo cônsul romano no poder, Gaius Flaminius – que estava no comando de cerca de 20.000 homens – chegasse. O lago Trasímene possuía uma peculiaridade: uma névoa encobria a região durante a manhã, tornando o local perfeito para uma emboscada. Ao deixar a região de Faesulae, Aníbal passou em frente ao acampamento romano e destruiu as plantações à sua volta. Havia uma pressão dos aliados de Roma acerca da instabilidade ocasionada pelos mercenários. Flaminius não resistiu à provocação e foi ao encalço do bárcida.

Um acampamento falso foi montado em um local de fácil visibilidade. Gaius foi atraído para a armadilha sem obter maiores informações acerca do terreno em que combatia. Assim que a maioria da coluna romana entrou no vale, Aníbal deu o sinal para que seus homens escondidos na neblina atacassem simultaneamente do lado esquerdo, na frente e na retaguarda. A situação dos romanos foi difícil, pois a sua visibilidade era reduzida pela neblina, o lago atuava como uma barreira natural ao lado direito e seus inimigos contavam com uma posição elevada. Dos 20.000 soldados romanos, cerca de 15.000 foram mortos, incluindo o próprio Gaius Flaminius, enquanto Aníbal perdeu cerca de 1.500 homens.

A derrota, segundo Políbio, foi humilhante para os romanos. Aqueles que estavam mais à frente na coluna só podiam apressar o passo na esperança de salvar suas vidas. Aqueles localizados atrás não tiveram a mesma sorte, muitos correram em direção ao lago Trasímene, mas o peso de suas armaduras fez com que morressem afogados ou perdessem sua mobilida-

³¹ Ibidem. Página 192

de, esperando passivamente pela execução do inimigo cartaginês. A dramaticidade do evento relatado cumpriu um papel na narrativa polibiana ao endossar a necessidade da vitória romana.

Dois dias após a batalha, as notícias chegaram a Roma. Medidas drásticas foram tomadas e o sistema de governo com poderes limitados foi suspenso, um ditador com plenos poderes foi indicado para enfrentar a crise.

Apesar da vitória no lago Trasímene, Aníbal rejeitou a possibilidade de um cerco a Roma. Quintus Fabius Maximus, nomeado ditador e assumindo o controle das tropas de Roma, calculou a quantidade de recursos romanos e comparou com os de Aníbal. Criou assim a estratégia fabiana, evitando qualquer combate direto, não enfrentando o inimigo diretamente e, sim, atormentando os exércitos de Aníbal, retirando sua comida e fazendo pequenos ataques surpresa. A estratégia era eficiente, mas não foi bem vista pela opinião pública e pelos aliados de Roma, de modo que o Senado recusou e desaprovou esse método de combate, considerado como covarde.³²

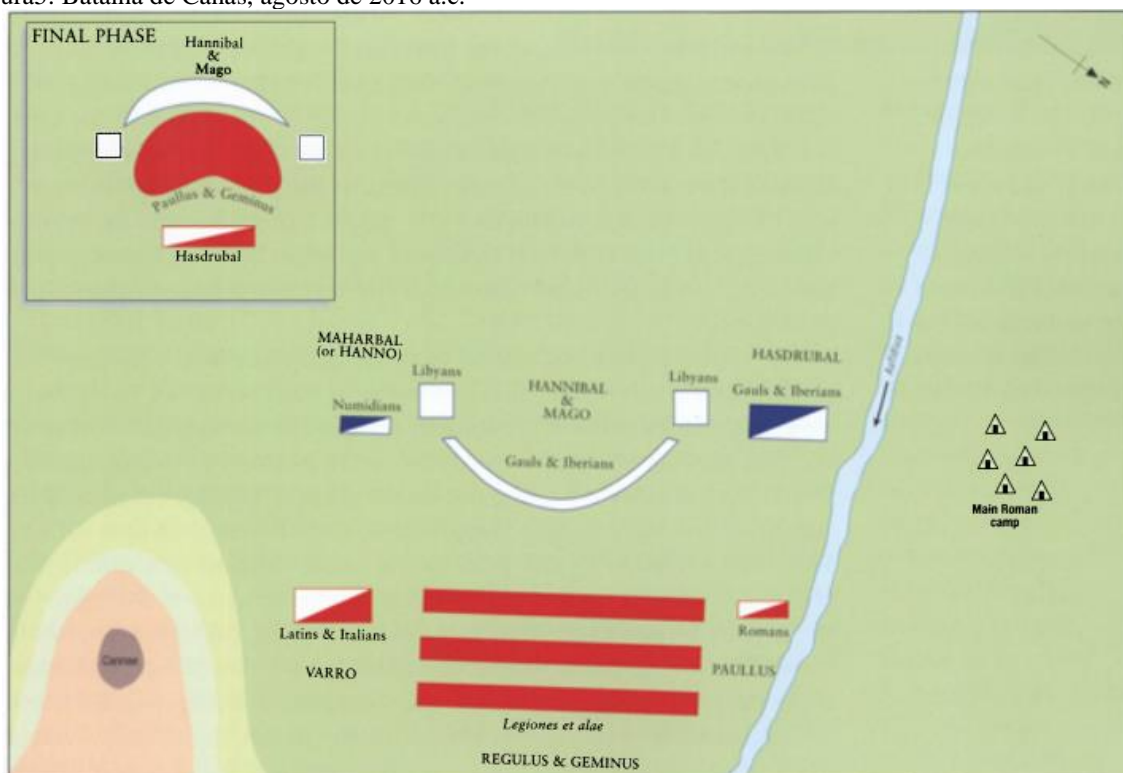
Após seis meses, Fabius renunciou e assumiram dois cônsules. No verão do ano seguinte, 16 legiões romanas – aproximadamente 90.000 soldados, o dobro do que Aníbal possuía – confrontaram os cartagineses próximo à cidade de Canas. Enquanto o general romano Gaius Terencius Varro posicionou massivamente sua infantaria no centro, juntamente com sua cavalaria dividida em dois blocos, uma em cada lado, Aníbal manteve o centro de sua posição fraco, mas a infantaria e cavalaria forte nos flancos, realizando uma inovação tática chamada de cerco duplo. Enquanto os romanos avançavam, os cartagineses os mantinham no centro envolvendo-os e cercando-os; a possibilidade de retirada foi afastada com apoio da cavalaria, deixando um saldo de 90.000 mortos para os romanos.

Aníbal, que conhecia a batalha de Maratona, apropriou-se das táticas utilizadas por Milcíades em oposição aos persas; seu plano era lentamente ceder o centro diante do avanço das tropas romanas, para então fechá-las com suas alas e cair sobre seus flancos. A manobra era perigosa se não executada no momento certo, apenas poderia ser executada com a plena confiança dos seus homens, para tanto o próprio Aníbal esteve presente no centro da formação junto com seu irmão Mago, como mostra a figura 5.³³

³² Ibidem. Página 198

³³ DODGE, Theodore Ayrault. Op Cit. Página 50

Figura5: Batalha de Canas, agosto de 206 a.c.



Fonte: FIELD, Nics. Hannibal: Leadership, Strategy, Conflict. Ed. Osprey Publishing. Botley, Oxford. 2010. Página 18.

6. Da vitória a derrota

A derrota massiva em Canas espantou o sul da Itália, muitos aliados e colônias de Roma passando para o lado dos cartagineses. Sob a liderança do genro de Scipio, Quintus Fabius Maximus, os romanos logo reagiram. Fabius utilizou táticas cautelosas que gradualmente fizeram as forças de Aníbal recuar, reconquistando um considerável espaço na região sul da Itália em 209 a.C. No norte da Itália em 208 a.C. as forças romanas derrotaram os reforços cartagineses liderados pelo irmão de Aníbal, Asdrúbal.

Enquanto o jovem Scipio na Itália parecia possuir suprimentos inesgotáveis, Roma lançou um ataque a Cartago, comprometendo o suporte logístico cartaginês a Aníbal Barca. O norte da África foi invadido, forçando Aníbal a retirar suas tropas do sul da Itália em 203 a.C. No ano seguinte, Aníbal enfrenta as forças de Scipio no campo de batalha próximo a Zama, a 120 quilômetros de Cartago. Os romanos, contando com a ajuda de aliados do norte da África, os Númidas, eliminaram cerca 20.000 soldados cartagineses com uma baixa de apenas 1.500 homens. Um tratado de paz foi estabelecido, colocando fim à Segunda Guerra Púnica.

7. Conclusão

Esta pesquisa é fruto de um longo processo desenvolvido durante o curso de História Militar. Ao explorar a perspectiva bélica na Antiguidade Clássica, entramos em contato com diversos acontecimentos, mas em particular a Segunda Guerra Púnica atraiu nossa atenção. No Brasil, embora existam muitos profissionais voltados a compreender a perspectiva romana de mundo, ainda há carência com relação aos estudos acerca da percepção militar cartaginesa representada por Aníbal Barca.

Nosso trabalho visou refletir sobre a atuação cartaginesa durante a Segunda Guerra Púnica com foco em Aníbal Barca, uma de suas principais lideranças durante o conflito. A derrota cartaginesa foi amplamente explorada pelo estado romano como um elemento constitutivo de sua hegemonia no Mediterrâneo.

Em meio a tantos historiadores, um nos chamou a atenção pelas condições peculiares de sua produção. Políbio de Megalópolis desenvolve sua escrita em meio a uma contradição; por um lado, carrega a experiência de um vencido pelo projeto expansionista romano, por outro lado atua na condição de cronista do imperialismo romano visto de dentro – como amigo da aristocracia governante. Seu testemunho é muito rico. O historiador de Megalópolis foi um dos primeiros a se preocupar com uma temática universal, e seu trabalho desempenha tanto a função de investigar o passado, como também é um meio de formação política.

Políbio descreve as diversas formas de governo e nos mostra as razões que conduziram ao seu apogeu, primeiro, e a sua decadência, depois, até engendrar uma reação que fará que sejam substituídas por outras. O propósito moralizador das suas exposições surge como uma mensagem direta aos gregos conquistados, visando atenuar sua resistência perante Roma. Políbio utiliza amplamente as campanhas de Aníbal como um instrumento didático voltado à educação de seu público. É em meio a essas nuances que desenvolvemos nossa pesquisa. Visto que a vitória romana trouxe consigo a destruição de muitos registros cartagineses, a estrutura narrativa polibiana adquire grande relevância para a compreensão dos fenômenos ligados à perspectiva militar cartaginesa ao decorrer da Segunda Guerra Púnica.

Políbio menciona a irracionalidade das ações de Aníbal e o seu excesso de paixão pela luta, mas é difícil acreditar que suas ações não tenham sido extremamente calculadas e premeditadas; suas vitórias foram construídas por intermédio de estratégias, por seu engenho tático e pelo uso apropriado de sua cavalaria, não somente pela força bruta.

Os romanos possuíam uma concepção muito diferente de guerra, se compararmos com o padrão cartaginês; havia uma ideia central que alimentava o padrão de combate romano, baseando a sua força em batalha pelos padrões numéricos. Roma aprendeu uma dura lição com a

guerra anibálica: não bastava dispor de grandes exércitos, mas o emprego destes deveria ser calculado e outros fatores deveriam ser levados em consideração ao entrar em confronto.

Aníbal é considerado um dos maiores estrategistas do mundo antigo, como podemos ver ao longo deste trabalho; a utilização do espaço geográfico em suas incursões demonstra a sua experiência em combate, mas a sua estratégia a longo prazo foi falha, o que, no entanto, não apaga a grandiosidade de seus feitos militares. Por mais contraditório que possa parecer, as campanhas de Aníbal alimentaram a experiência da máquina de guerra romana, contribuindo de forma efetiva para que esta expandisse seu território, convertendo-se em uma grande potência militar.

A intriga polibiana utilizou a participação de Aníbal na Segunda Guerra Púnica em seu projeto de consolidação do poder romano na Grécia. Se por um lado sua função de cronista do imperialismo de Roma nos mostra uma visão do vencedor do conflito, por outro lado foi possível compreender alguns dos estratagemas montados pelo exército cartaginês representado pela figura de Aníbal Barca. Ao longo da campanha, a multiculturalidade cartaginesa foi amplamente empregada em combate pelo general bárcida, causando grandes problemas aos romanos e alterando a própria concepção de conflito no mundo antigo.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

APAZA, Alex. Historiografía Romana: Polybio y las Guerras Púnicas. Retirado do site às 20:20 do dia 09/04/2016. [Http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/publicaciones/avances_sociales/2003_n01/a7.pdf](http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/publicaciones/avances_sociales/2003_n01/a7.pdf).

BACA-WINTERS, Keenan. Memoria Hannibalis: Constructing Memories of Punic War violence from the second century BCE through the fifth century CE. San Diego State University, 2010. Pág 12

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DODGE, Theodore Ayrault. Great Captains. New York, The Riverside Press Cambridge. 1889.

FIELD, Nics. Hannibal: Leadership, Strategy, Conflict. Ed. Osprey Publishing. Botley, Oxford. 2010.

FONTANA i Lazaro, Josep. História: análise do passado e projeto social. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

MEGALÓPOLIS, Políbio de. Histories. New York: Oxford University Press, 2010.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.